

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

PAULO BRANCO E A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR

1 de outubro de 2026

L'ENFANT / 2022

A Criança

um filme de Marguerite de Hillerin e Félix Dutilloy-Liégeois

Realização e Argumento: Marguerite de Hillerin, Félix Dutilloy-Liégeois / **Assistentes de Realização:** Raquel Teixeira, Tiago Amorim / **Direção de Fotografia:** Mário Barroso / **Montagem:** Paulo MilHomens, Tiago Augusto / **Direção de Arte:** Zé Branco / **Departamento de Arte:** Inês Ferreira, Catarina Sampaio, Anabela Venda / **Figurino:** Lucha d'Orey, Mariana Velloso / **Maquilhagem:** Natália Bogalho, Ana Lorena / **Som:** David Badalo, Elsa Ferreira, Pedro Góis, Aleksandra Stojanovic, Marcelo Tavares, Francisco Veloso / **Musica:** Wladimir Schall / **Efeitos Visuais:** Carlos Amaral / **Departamento Técnico:** Alexandre Cambron, Rosa Vale Cardoso, Adriana Carvalho, Ana Hipólito, Ana Mariz, Carlos Nogueira de Melo, Eberhard Schedl / **Colorista:** Nuno Garcia / **Interpretação:** Grégory Gadebois, João Arrais, Maria João Pinho, Loïc Corbery, Inês Pires Tavares, Alba Baptista, Albano Jerónimo, Ulysse Dutilloy-Liégeois, Cléo Malulo, Raimundo Cosme, Olivier Dutilloy, João Vicente, Joana Botelho, Camila Cerqueira, Mário Barroso, Filipe Abreu, Ivo Alexandre, Frederico Amaral.

Produção: Leopardo Filmes, Alfama Films / **Produtor:** Paulo Branco / **Direção de Produção:** Catarina Alves / **Cópia:** DCP, cor, falado em português e francês, legendado em português / **Duração:** 109 minutos / **Estreia:** Festival de Roterdão, 26 de janeiro de 2022 / **Estreia em Portugal:** 10 de fevereiro de 2022 / Primeira exibição na Cinemateca.

O filme de Marguerite de Hillerin e Félix Dutilloy-Liégeois parte de *Der Findling*, novela publicada por Heinrich von Kleist em 1811, mas desloca a ação para o Portugal do século XVI. Na novela, Piachi, um comerciante romano, acolhe durante uma epidemia um rapaz encontrado à beira da estrada, depois de perder o próprio filho para a doença. O gesto de caridade que inaugura a história, e que parece, em certa medida, um gesto inocente para preencher um vazio, depressa se torna um exercício de substituição. O rapaz recebe as roupas, o quarto, a educação e a herança do filho morto; torna-se, de certa forma, uma extensão deste, e do futuro que lhe foi barrado. Uma segunda oportunidade para alguém que não a escolheu, nem de um lado nem de outro.

A substituição é um motivo recorrente em Kleist. Em *Amphitryon*, as personagens ocupam literalmente a aparência e o lugar de outras. Em *Der Findling*, a duplicação é mais íntima. Uma pessoa viva torna-se inseparável da pessoa ausente que passa a representar contra a sua própria agência. Isto vai para além de confundir identidades. Os corpos, os afectos e os lugares dentro da família parecem disponíveis para serem ocupados, trocados ou projetados sobre alguém.

É uma lógica que encontramos também no mais recente **Miroirs No. 3**, de Petzold, em que uma jovem é acolhida por uma família após um evento traumático e começa progressivamente a ocupar, dentro daquela casa, o espaço deixado por alguém cuja existência esta desconhecia até então. E a coisa só se complica, tal como no filme que aqui analisamos, nos limites de uma possível paixão inaceitável, neste caso, na medida em que não poderia de forma alguma ocorrer ao fantasma que esta encarna.

É precisamente essa instabilidade que **A Criança** parece conservar. Bela, filho adotivo de uma família abastada, é, de novo, aquilo que os outros projetam sobre ele, aquilo que esperam dele e aquilo que a sua presença - enquanto agência e identidade própria e não atribuída - vem perturbar.

A adopção que deveria reparar uma perda de ambos os lados produz uma nova cadeia de conflitos. A família que oferece um lugar ao estranho é também aquela que determina o lugar que ele deverá ocupar. A boa intenção não desaparece, mas deixa de ser suficiente para controlar aquilo que desencadeou. O amor pode transformar-se em posse, a protecção em domínio. As personagens parecem agir segundo valores reconhecíveis, mas as consequências dos seus actos escapam continuamente às suas intenções.

É também por isso que o século XVI de **A Criança** não procura uma reconstrução histórica exuberante. A luz, os interiores, os tecidos e os corpos aproximam o filme da pintura – com uma ótima fotografia de Mário Barroso - personagens parecem por vezes figuras presas dentro de uma composição que não conseguem abandonar. O mundo à sua volta é vasto, mas as possibilidades de cada uma são estreitas. Cada movimento de uma personagem altera inevitavelmente a posição das outras.

Mas há aqui uma ambiguidade que vale a pena admitir. Esta estreiteza é simultaneamente a força e o risco do filme. Ela reproduz com precisão a lógica *kleistiana* - a de que os lugares já estão ocupados antes de qualquer chegada -, no entanto, pode produzir no espectador uma sensação de imobilidade que não é a mesma coisa que a tensão de Kleist. Mas isto cabe-lhe a ele decidir.

Tiago Leonardo